

O CONSERVADORISMO BRASILEIRO NO DISCURSO DE *TEMPOS FANTÁSTICOS*

BRAZILIAN CONSERVATISM IN THE DISCOURSE OF TEMPOS FANTÁSTICOS

Ana Beatriz Aquino da Silva

<https://orcid.org/0009-0009-8352-0637>

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino
Universidade Federal de Campina Grande
anabeatrizaquino98@gmail.com

Ingrid Vanessa Souza Santos

<https://orcid.org/0000-0001-6953-376X>

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade
Universidade Estadual da Paraíba
ingrid_vanessa12@hotmail.com

Resumo

Os anos 2010 foram um período de ocorrência de mudanças significativas no cenário sócio-político brasileiro. Com a ascensão de um governo reacionário no final da década, muitos autores analisaram tal momento e o transportaram para suas respectivas obras literárias (assim como foi realizado em outras artes). Uma das obras foi *Tempos Fantásticos*, jornal satírico de ficção fantástica criado por Angelo Dias, que durante 2016 e 2019 criticou a ascensão de um discurso conservador tanto na política nacional quanto na sociedade. Portanto, viu-se a necessidade de explorar as formações discursivas de caráter crítico que permeiam o jornal. Como objetivo geral tem-se o de analisar as formações discursivas de caráter crítico em *Tempos Fantásticos*; enquanto os específicos são: verificar o posicionamento político-ideológico criticado no texto, e examinar os efeitos de sentidos produzidos através da linguagem humorística do jornal. Essa pesquisa é fundamentada nos conceitos da Análise de Discurso de Orlandi (2008; 2009), Pêcheux (2010) e Indursky (2011). Por fim, pode-se concluir que *Tempos Fantásticos* critica o falso moralismo brasileiro utilizando referências ao cenário político nacional através dos processos de paráfrase e polissemia. A memória coletiva mostra-se crucial para que o leitor perceba a retomada de sentidos já estabelecidos apontados no texto literário.

Palavras-chave: Tempos Fantásticos. Análise de Discurso. Política brasileira.

Abstract

The 2010s were a period of significant changes in the Brazilian socio-political scenario. With the rise of a reactionary government at the end of the decade, many authors analyzed this moment and transported it to their respective literary works (as it was done in other arts). One of the works was *Tempos Fantásticos*, a satirical fantastic fiction newspaper created by Angelo Dias, which during 2016 and 2019 criticized the rise of a conservative discourse both in national politics and in society. Therefore, there was a need to explore the critical discursive formations that permeate the newspaper. The general objective is to analyze the critical discursive formations in *Tempos Fantásticos*; while the specific ones are: to verify the political-ideological position criticized in the text, and to examine the effects of meanings produced through the newspaper's humorous language. This research is based on the concepts of Discourse Analysis by Orlandi (2008; 2009), Pêcheux (2010) and Indursky (2011). Finally, it can be concluded that *Tempos Fantásticos* criticizes false Brazilian moralism using references to the national political scene through the processes of paraphrase and polysemy. Collective memory is crucial for the reader to perceive the resumption of already established meanings pointed out in the literary text.

Keywords: Tempos Fantásticos. Discourse Analysis. Brazilian politics.

Introdução

Desde sua gênese, a ficção científica utiliza de seus elementos para gerar críticas a respeito de algum aspecto social da atualidade. Por essa característica, as obras mais marcantes do gênero em questão foram justamente àquelas que serviram como forma de análise de suas respectivas épocas de publicação. No livro *Cartografias para a ficção científica mundial*, o autor Roberto Causo coloca a ficção científica “como uma literatura investigativa do social” (CAUSO, 2015, p. 178). No Brasil, tal característica investigativa permaneceu com obras que dialogavam com a realidade da nação.

Nas décadas de 1960 a 1970, o Brasil passava pela ditadura militar e a FCB¹ se desenvolvia com obras que se dividiam entre condenar e elogiar o autoritarismo militar no país. Na década de 2010, com influência da militância digital que surgia devido as ondas revolucionárias articuladas nas redes sociais, como por exemplo, a Primavera Árabe, a *Occupy Wall Street* e as Jornadas de Junho, no Brasil, a literatura fantástica ganhava um forte teor ativista e digital (RÜSCHE; FURLANETTO, 2018).

A partir da década de 2010, com mais debates sobre posicionamentos políticos na sociedade brasileira, o cânone da ficção fantástica (sendo incluída a própria FCB) tornava a se posicionar ideologicamente de maneira mais aberta. Uma destas obras foi o jornal digital satírico de ficção fantástica *Tempos Fantásticos*, criado em 2016 por Angelo Dias. Utilizando elementos de fantasia, horror, ficção histórica e sobretudo, de ficção científica, o jornal tem o intuito de explorar e criticar fatos históricos e costumes modernos brasileiros. Em seu *website*, na seção denominada “Sobre”, o jornal utiliza do discurso irônico para afirmar seu propósito: “um legítimo jornal, igual a tantos por aí, em que tudo é ficção e qualquer semelhança com a realidade pode ou não ser coincidência”².

Observa-se então que o humor em *Tempos Fantásticos* ocorre devido ao uso de elementos fantásticos na construção de sentidos para gerar comparação com unidades factuais da nossa realidade. Logo, vê-se a necessidade de analisar como o jornal supracitado explora o processo da formação discursiva a partir de fatos e ideologias da realidade para a composição do discurso cômico nas situações fictícias narradas no texto.

Através do *corpus* selecionado, objetiva-se sobretudo analisar as formações discursivas de caráter crítico em *Tempos Fantásticos*. Ademais, pretende-se verificar o posicionamento político-ideológico criticado no texto, considerando que este apresenta grande enfoque em questões sociopolíticas que acabam por reverberar nos discursos presentes. Por fim, também serão examinados os efeitos de sentidos produzidos através da linguagem humorística do jornal, tendo em mente que é por meio da sátira que se promovem novos efeitos de sentido.

A escolha por esse *corpus* para análise deu-se em função da relevância de um texto literário que utiliza uma memória discursiva de componentes nacionais para a construção de novos efeitos de sentidos. Em *Tempos Fantásticos*, instrumento de caráter literário e digital, a materialização discursiva ocorre a partir da experiência sociocultural. Também vale ressaltar pertinência de se trabalhar com obras da FCB que fazem o leitor reexaminar a identidade brasileira, mediante ao reconhecimento através dos elementos positivos ou negativos apontados nas edições. O artigo em questão será dividido em quatro momentos, com o intuito de atender uma análise qualitativa não apenas de perspectivas teórico-metodológicos, assim como de apresentação e análise dos excertos escolhidos para a pesquisa.

¹ A partir de agora colocaremos ficção científica brasileira pela sua sigla.

² <https://www.temposfantasticos.com/#/sobre>

1. A análise de discurso

Nesta pesquisa o *corpus* será analisado através de conceitos da Análise de Discurso, campo do saber da linguística que se relaciona com três domínios em conjunto: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Em suma, a Análise de Discurso (ou AD) tem como enfoque o estudo em conjunto com seus contextos históricos, sociopolíticos e ideológicos.

Como principais conceitos que serão usados na formação do artigo, temos o de *ideologia*, de Orlandi (2009), que é contextualizada: “[...] a ideologia não é ocultação mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido de refração, do efeito imaginário de um sobre o outro” (ORLANDI, 2009, p. 47).

Outros conceitos de Orlandi que utilizaremos são o de *paráfrase e polissemia*, considerando que o texto literário que será analisado realiza movimentos entre referenciação de sentidos pré estabelecidos e os deslocamentos dos sentidos. Segundo Orlandi (2009):

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2009, p. 36)

Por fim, o último principal conceito que será levado em conta é o de *memória*, já que serão analisadas as relações entre sujeito do discurso e memória coletiva em *Tempos Fantásticos*. Sobre memória, Pêcheux (2010) discorre: “a memória deve ser entendida [...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2010, p. 50). Tendo tais concepções em mente, pode-se dar continuidade a análise do *corpus*.

2. A historicidade no discurso de *tempos fantásticos*

Ao analisar diferentes instrumentos, cabe observar quais foram as circunstâncias no período de produção destas. Isto é, elas dizem respeito aos contextos de caráter ideológico, sócio-histórico e cultural de cada obra. Segundo Orlandi (2009, p. 30), as condições de produção “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso”. Isto é, pode-se conceber que tais condições estão diretamente ligadas a memória coletiva e as relações do sujeito com o momento da produção. Chegando ao entendimento de tais conceitos, é possível aprofundarmos no objeto de pesquisa.

Até o momento da escrita do artigo em questão, *Tempos Fantásticos* conta com 28 (vinte e oito) edições lançadas entre fevereiro de 2016 à outubro de 2019. O jornal, apesar de fictício, simulava o formato de um periódico de formato físico, além de apresentar “notícias” que faziam referências ao cenário cultural brasileiro da época de lançamento das edições. Entre muitos acontecimentos entre os anos de circulação, o texto se debruçava sobretudo nos episódios políticos no cenário brasileiro.

Com 12 (doze) edições lançadas no primeiro ano de publicação, *Tempos Fantásticos* discorreu múltiplas vezes sobre os processos que sucederam o *impeachment* da até então presidente Dilma Rousseff e a apropriação interina do cargo do vice-presidente, Michel Temer. Do mesmo modo, foram difundidas notícias que criticavam o parecer político e

ideológico de Michel Temer e do atual chefe de Estado, Jair Bolsonaro. Assim, o jornal reforçou ao leitor um posicionamento que se mostrou contra a política de direita e por conseguinte, todos os interdiscursos que são presentes na ideologia de tal espectro político. Contudo, tratando-se de um referente que utiliza do humor e de elementos fantásticos para comentar sobre as posições político-ideológicas nas relações discursivas, vê-se que ocorrem processos polissêmicos entre o fictício (dito) e o real (já dito). Sobre isso, Orlandi discorre:

O fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite [...] remeter o dizer da faixa a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (ORLANDI, 2009, p. 32)

Em *Tempos Fantásticos* é perceptível que a produção de sentidos vem justamente através da paráfrase com situações factuais no cenário nacional, assim como a relação que o *corpus* faz com diferentes ideologias do espectro político, mas sobretudo com os discursos da direita brasileira.

As condições de produção de *Tempos Fantásticos* estão diretamente ligadas a um período em que o povo brasileiro se envolvia (fosse de forma direta ou indiretamente) com a política nacional. Com um ativismo social vigente nas redes sociais, aumentava o número de indivíduos envolvidos em discussões a respeito de acontecimentos políticos no Brasil e, posteriormente, no exterior. Entretanto, do mesmo modo, crescia uma onda de conservadorismo entre os internautas, com propagação de discursos de ódio contra minorias sociais ou a opositores políticos e apoio a intervenções ilegítimas de forças militares para o governo do país.

Por consequência, também nessa era de popularização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), ocorre o apogeu das *fake news*. Se no começo da década de 2010 as redes sociais eram majoritariamente usadas por grupos de esquerda para movimentos sociais a favor da democracia, com os anos finais uma “indústria” de informações propositalmente equivocadas foi criada como ferramenta de manipulação. Usualmente propagadas através do aplicativo de mensagens instantâneas, *WhatsApp*, essas falsas informações circulavam em massa por e para grupos que comumente se identificavam como de direita. E assim, como aponta Araújo, “[d]esde que a rede social WhatsApp passou a ser bombardeada por “correntes” e fake news, a informação fácil e de veracidade suspeita substituiu gradualmente uma parte da credibilidade dos grandes meios de comunicação” (ARAÚJO, 2018, p. 38).

Principalmente entre 2016 e 2018, no decorrer do mandato do ex presidente interino Michel Temer e a candidatura do atual presidente da república Jair Bolsonaro, foram discutidos a influência das *fakes news* na ascensão de não apenas um governo como também uma sociedade brasileira reacionária. Evidentemente, este período de transição ideológica está presente na memória coletiva e nos textos que são publicados nesse processo. A historicidade em *Tempos Fantásticos* é notável quando o próprio texto não somente reconhece esta, como também cria novos sentidos através de uma crítica ao ultraconservadorismo da época.

Por conseguinte, fundamentando-se nos conceitos da Análise de Discurso mencionados previamente que o artigo se dispõe a analisar três recortes de *Tempos Fantásticos*, investigando novos valores de sentidos emitidos pelo material em questão.

3. Contextos políticos em *tempos fantásticos*

Os recortes em questão foram retirados da edição nº 27 do jornal *Tempos Fantásticos*, publicada em outubro de 2019. Com linguagem irônica, a edição aborda como o sexo ainda é um tabu na sociedade brasileira, além de criticar o falso moralismo que se intensificava entre os anos de publicação. No processo de expor tais críticas com um tom satírico, são realizadas também referências da cultura popular brasileira geralmente uma relação de identificação com o leitor, como pode ser visto na Fig. 1:

Fig. 1 - Fragmento retirado da 27ª edição de *Tempos Fantásticos*, 2019.

tabu é pra jacu mudança de costumes impulsiona sociedade

Fonte: *Tempos Fantásticos*, 2019.

A manchete da falsa reportagem, “Tabu é pra jacu” faz menção a uma citação dita pelo personagem Pica-Pau no desenho animado estadunidense homônimo. No episódio nº 160 que foi lançado originalmente em 1961, de título *Rei do Voodoo*, o personagem profere a frase “Vudu é pra jacu” para mostrar desdém a prática da religião de matriz africana. Sendo o primeiro desenho animado passado na televisão brasileira e por ter sido exibido em diversas emissoras como a extinta Rede Tupi, a Rede Globo, a SBT e a RecordTV, *Pica-Pau* se difundiu no Brasil e muitas das expressões usadas (entre elas, a que foi referenciada na manchete) no desenho se popularizaram até virarem recorrentes na linguagem brasileira.

O uso da citação em questão na manchete não é arbitrária; *Tempos Fantásticos* utiliza do efeito da paráfrase para a construção de uma rede de associações implícitas (PÊCHEUX, 2010) no percurso de leitura. Enquanto a citação original foi criada para externalizar menosprezo a um tópico (o vodum, religião tradicional de alguns países da África ocidental), a alusão de *Tempos Fantásticos* consegue manter o mesmo sentido ao fazer com que o leitor conceba essa repetição como um interdiscurso.

Ao realizar a troca da palavra original para “Tabu”, ocorre um processo parafrástico, já que são retomados sentidos estabilizados através de formas diferentes (ORLANDI, 2008, p. 86). Notando a paráfrase de “é pra jacu”, é possível com que o leitor estabeleça uma interpretação do conteúdo que será abordado na reportagem. Isto é, retornando a memória coletiva criada pelo enunciado original, é exequível uma comparação com a manchete para chegar à constatação preliminar de que a reportagem irá tratar do “tabu” com um viés de reprovação. Com a leitura da chamada da reportagem, “mudança de costumes impulsiona a sociedade”, o leitor pode finalmente concluir o conteúdo da reportagem.

Vale ressaltar que, apesar da manchete apresentar uma função de paráfrase ao referenciar a citação de *Pica-Pau*, também é notável a ocorrência de polissemia com a expressão “é pra jacu”. A menção do desenho animado em questão é crucial para a compreensão dos sentidos estabelecidos na manchete. Analisando a expressão aludida, a palavra “jacu”, ao ser descontextualizada da referência popular, é originalmente uma expressão utilizada para pessoas ingênuas ou ignorantes do interior. Contudo, na reportagem em questão ocorrem deslocamentos quando o “jacu” perpassa por dois sentidos: o primeiro, em “Vudu é pra jacu” e o segundo, no corpo da manchete, quando a palavra “jacu” vira por associação a algo negativo e uma crítica ao conservadorismo que será criticado posteriormente na reportagem. A manchete “Tabu é pra jacu” apresenta em sua

materialidade um jogo com o equívoco, trazendo novos processos de significação (ORLANDI, 2009, p. 36).

Percebe-se que *Tempos Fantásticos* utiliza os mesmos recursos de jornais reais para a construção de relação com o sujeito e a manchete: um enunciado chamativo, com relações pré-estabelecidas entre memória e linguagem. Deste modo, o leitor realiza uma interpretação com o conteúdo da reportagem. Pensando nesse processo de interpretação diretamente ligado às conexões de paráfrase já mencionadas, é possível identificar o procedimento que o jornal toma de criar novos sentidos em seus textos. Assim aponta Gregolin: "Estamos, o tempo todo, submetidos aos movimentos de interpretação/reinterpretação das mensagens midiáticas" (GREGOLIN, 2007, p. 17). Tais movimentos estão presentes até mesmo nas notícias de caráter satírico, que organizam estes procedimentos de interpretação para uma indagação de questões socioculturais e/ou políticas.

Tempos Fantásticos pode ser considerado como um veículo de notícias satíricas, seguindo os modelos pré-estabelecidos, já que utiliza do formato do jornal tradicional para realizar uma crítica aos contextos sociopolíticos de sua época de lançamento. Sobre as notícias satíricas, Monteiro e Lima estabelecem que:

[...] embora a forma da notícia tradicional seja mantida, o conteúdo divulgado é bastante característico, pois, ao invés de se divulgar fatos relevantes socialmente, são construídas situações cômicas e esdrúxulas, que funcionam como uma forma de crítica às figuras sociais retratadas nesses textos. (MONTEIRO & LIMA, 2015, p. 13)

Dando seguimento, o segundo recorte a ser observado é um aprofundamento no teor analítico de *Tempos Fantásticos*. Pertencente ao corpo da mesma reportagem supracitada, presente numa seção denominada "Do futuro", onde o jornal publica matérias que se passam num cenário futurista. A ficção científica é inserida na reportagem através do elemento da realidade paralela e futurista, onde se é apresentada ao leitor um Brasil dos anos 2069, em que um dispositivo governamental pensado para diminuir a influência de religiões sobre o Estado laico (DIAS & LIMA, 2019, p. 4) faz com que a sociedade brasileira torne a liberdade sexual uma vivência coletiva. Contudo, como fica evidente na manchete apresentada na Fig. 2, o tabu ainda é recorrente entre alguns grupos:

Fig. 2 - Fragmento de "Tabu é pra Jacu", na 27ª edição de *Tempos Fantásticos*, 201

Piranhídeo Silva, 57, vendedor de plugs anais à base de corais, diz que acompanhou "todas essas mudanças e modernidades que se sucederam". "Quando eu era moleque, ainda tinha gente que acreditava em casar virgem, que mulher que transava no primeiro encontro era puta, que ser puta era ofensa e que ser viado era pior que ser covarde", disse.

Himenilda das Aflições, 62, programadora aposentada, contou as peripécias de seu pai enquanto apontava para fotos em um antigo álbum físico. "Esse era meu pai, sempre com seu bigode — que diziam ser muito cheiroso. Era muito bem visto pela sociedade, tinha um emprego bom no banco, uma mulher mão-cheia na cozinha e duas amantes que encontrava quinzenalmente", disse. Himenilda explicou que, na época, esse estilo de vida era comum ao chamado 'cidadão de bem', termo hoje utilizado pejorativamente.

Fonte: *Tempos Fantásticos*, 2019.

A priori, nota-se que o lado crítico típico das notícias satíricas se intensificam no corpo do texto. Inicialmente, o jornal aponta para a incongruência do conservadorismo vigente no discurso de dois entrevistados; o que torna-se evidente num primeiro momento através dos nomes destes. Enquanto Piranhídeo remete a palavra “piranha”, expressão utilizada para se referir a mulheres consideradas promíscuas; Himenilda faz menção a “hímen”, membrana que protege a parte externa da vagina e que também carrega significâncias culturais sobre a posição da mulher na sociedade. Essas disparidades nos nomes dos sujeitos são responsáveis por ativar no leitor os sentidos pré-estabelecidos na memória social (PÊCHEUX, 2010) a respeito sobre o tabu em relação ao sexo.

Apesar de se passar num contexto futurista, a reportagem retoma em sua formação um conservadorismo atual na memória discursiva. Num segundo momento, a fala do primeiro entrevistado apresenta uma série de noções carregadas por uma historicidade dos anos 2010. É perceptível o sujeito do enunciado introduz uma ideologia supostamente conservadora, ao mesmo também que se vinculam discursos de caráter machista e homofóbico. A sexualidade feminina é retratada ainda como um tabu quando o “Piranhídeo” divide mulheres entre “virgens” e “putas”, sendo a primeira modalidade positiva e a segunda algo a ser condenado. Ao se referir a homossexuais, a personagem utiliza um termo ofensivo e discorre que houve uma época em que ser gay seria considerado como uma transgressão social. Examinando as escolhas de palavras para se referir a minorias sociais, fica evidente a relação entre o contexto sociohistórico, língua e sujeito na produção do sentido acima. Como explica Orlandi (2009):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. [...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. (ORLANDI, 2009, p. 47)

O jornal mostra a construção do sujeito falso moralista através das palavras que expõem uma posição de preconceito social contra mulheres e homossexuais. As palavras escolhidas na fala retomam um período histórico que normalizou insultos contra pessoas da comunidade LGBT e que concedeu menos liberdade às mulheres do que aos homens. Observa-se também que há uma idealização do período em questão pela personagem no discurso, o que faz com que sua ideologia supostamente conservadora seja mais contraditória ainda.

Na fala da segunda entrevistada vê-se que permanecem as relações entre a ideologia conservadora e a história. A princípio, refere-se ao pai como alguém “muito bem visto pela sociedade” (DIAS & LIMA, 2019, p. 4), o que constrói um lugar hierárquico para este. Contudo, é na indicação das “duas amantes” citadas que ocorre os primeiros deslocamentos do discurso da personagem “Himenilda”. Se na memória coletiva, o ato da infidelidade é visto como algo condenável (sobretudo para o grupo de pessoas que se identificam como conversadoras), *Tempos Fantásticos* utiliza o humor através dos sentidos não-previstos ao colocar uma traição marital como algo normalizado pela sociedade nas décadas passadas. As relações conflitantes na ideologia de “Himenilda” servem como marcas de equívoco entre o esperado (pela memória coletiva e associações implícitas) e o dito no enunciado.

É notável que a mesma ordem que se identifica com as ideologias conservadoras, também reproduzem discursos discrepantes, ao apoiar relações extra-conjugais vindas de homens. Ao tratar como “estilo de vida”, a personagem situa a relação do enunciado com o período histórico que se é referenciado.

Por fim, ao colocar o pai infiel como “cidadão de bem”, a personagem constrói outras identificações tanto para si quanto para o pai. O termo em questão ganha novas proporções entre o período de lançamento das edições de *Tempos Fantásticos*, sobretudo entre 2018 com as eleições presidenciais. O que inicialmente deveria ser a respeito de um grupo de brasileiros

médios que atendessem a suposta superioridade moral exigida para tal qualificação, se tornou uma designação para os apoiadores de Bolsonaro e àqueles que acreditavam na mesma ideologia ultraconservadora e preconceituosa que foram externalizadas antes e depois das eleições. Assim discorre Paschoal (2020):

Entretanto, os fatos sociais que ocorreram nas últimas eleições brasileiras (2018) levaram os locutores de diversos grupos sociais a colocarem como secundários seus diferentes pontos de vistas sobre o que vem a ser cidadão e de bem. Esse fenômeno prático-discursivo ocorreu, talvez, porque o conjunto de vozes de um representante público, ecoado e legitimado por um coral de apoio, deu ao enunciado concreto analisado um tom axiológico muito distante de sua significação já naturalizada. Indicia-se aí, por meio dessa valoração marcada e atravessada por discursos de intolerância, uma tentativa de estratificação da sociedade brasileira, configurada entre os **cidadãos de bem** e os **cidadãos de mal** (PASCHOAL, 2020, p. 20, grifo do autor).

Em suma, percebe-se que ocorre uma migração de sentidos a respeito do termo “cidadão de bem”. Se antes era focada em qualificar pessoas (geralmente homens) que respeitassem as leis e o dever cívico, após as eleições o mesmo termo para por uma mudança devido aos deslocamentos de sentidos promovidas por figuras políticas. É realizável a suposição de que “cidadão de bem” ganha um caráter polissêmico quando entende-se que a expressão recebe múltiplos sentidos de acordo com a ideologia política de cada sujeito. Esse caráter vem justamente do processo repetição que constrói uma memória social (INDURSKY, 2011, p. 4). Para uma maior análise do termo, é necessário dar sequência ao último recorte da pesquisa, apresentado na Fig. 3:

Fig. 3 - Ilustração da reportagem “Tabu é pra jacu”, da 27ª de *Tempos Fantásticos*, 2019.



Fonte: *Tempos Fantásticos*, 2019.

Como é autoidentificado como notícia satírica, o jornal *Tempos Fantásticos* utiliza da crítica a essa designação dada pela direita política brasileira, para usá-la como crítica às próprias divergências deste grupo. Já que, assim como explana Sousa & Santiago, “[...] é o desrespeito ou desconformidade do evento satirizado em relação às expectativas da sociedade que dá origem à função desse gênero” (SOUSA & SANTIAGO, 2014, p. 4). Não se distanciando de conceder opiniões políticas, a crítica aberta à direita brasileira conservadora se acentua quando o jornal dá um “rosto” a seus componentes, como mostrado na imagem.

Com “zap da rapaziada” ocorre uma menção ao aplicativo de mensagens, *WhatsApp* e da influência deste na proliferação de *fake news* que auxiliaram a determinar o rumo das eleições de 2018 (ARAÚJO, 2018). Inserindo a gíria popular “zap” para se referir ao aplicativo em questão, o jornal mostra conhecimento da historicidade envolvida. Considerando que a leitura ocorre de acordo com um contexto sócio-histórico, a escolha de *Tempos Fantásticos* de tratar das *fakes news* na formação do sujeito “cidadão de bem”, numa edição que se passa exatamente um ano após o resultado da eleição presidencial, não aparenta ser um critério aleatório.

Aqui, a memória discursiva está diretamente atrelada às relações políticas que foram impulsionadas devido a interferência das *fake news*, seja antes ou depois das votações. A veracidade jornalística foi substituída por mentiras e mensagens de ódio contra outros grupos políticos através do aplicativo em questão. Citar o *WhatsApp* numa ilustração que analisa o perfil conservador brasileiro, é identificar os sentidos estabelecidos na memória interdiscursiva.

A camiseta com a estampa “100% família” é outro imaginário conservador propagado durante a campanha do presidente Bolsonaro. Ao ser vinculadas ao contexto sócio-histórico da publicação, *Tempos Fantásticos* aborda a ideologia político-religiosa dos que se colocam como “100% família” ou simplesmente, como a mensagem quer passar, a favor de um modelo de família. A dita “família tradicional brasileira” idealizada pelo político em questão é nuclear e, implicitamente, é constituída de pais heterossexuais. Essa expressão foi repetida não somente pelo atual presidente, como também pela Frente Parlamentar Evangélica, que reproduzia não somente valores reacionários como também homofóbicos. Com o uso da estampa “100% família”, o sujeito discursivo é formado por relações de intolerância social.

Outro signo que merece ser analisado é da “pose de arminha”, uma referência clara ao ato do presidente Bolsonaro fazer um gesto com a mão, simulando uma arma. O gesto, popularmente conhecido como a “pose de arminha”, remete inicialmente a uma ideologia pró-armamento e militarista do presidente. Posteriormente, o dito gesto passa por um processo polissêmico, mostrando uma significância que vai além do apoio armamentista de Bolsonaro. Para os apoiadores do chefe de Estado, o sentido da pose está diretamente ligado aos ideais propagados por este, que reforçam um conservadorismo moral e ataque àqueles que se coloquem opostos a esse conservadorismo. A “pose de arminha” é, em suma, a criação da memética discursiva reacionária do final dos anos 2010.

A ideologia reacionária do governo Bolsonaro também reverbera um suposto ufanismo, o que também é abordado na ilustração “O cidadão de bem”. Na imagem pode-se ver que a personagem utiliza uma bandeira do Brasil como capa, não apenas retomando o sentido de um “herói patriota”, como também o de um símbolo da direita. Entre os anos de publicação de *Tempos Fantásticos*, a bandeira do Brasil e camisas da CBF viraram signos de identificação de grupos da direita política, considerando que estas foram constantemente usadas em protestos contra a administração da esquerda. Essa escolha de vestimenta reforça a simulação de uma ideologia política ultranacionalista entre os apoiadores do presidente, reforçando ideais típicos de governos fascistas que geriram o Estado durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985).

Por fim, é possível observar que o perfil de “cidadão de bem” na ilustração da reportagem “Tabu é pra jacu” reforça um sujeito marcado por uma ideologia política de extrema direita apoiadora da administração bolsonarista, com ideais religiosos e com discurso de ordem preconceituosa e falso moralista. A figura do “cidadão de bem” sofre uma contraidentificação (INDURSKY, 2011) ao passar do sujeito que deveria respeitar o coletivo e os deveres cívicos, para se voltar contra esse sentido estabelecido e produz novos sentidos através de ideologias opostas.

Considerações finais

Em suma, pode-se notar que *Tempos Fantásticos* usa dos processos de produção da paráfrase e da polissemia para a construção de uma crítica contra o conservadorismo brasileiro surgido na década de 2010. Através da linguagem humorística e referencial, são criados novos efeitos de sentido que exploram as posições ideológicas desenvolvidas na memória social.

Na falsa matéria jornalística analisada, *Tempos Fantásticos* coloca em análise os perfis ideológicos dos sujeitos que se identificam com um posicionamento da direita conservadora. A memória discursiva também tem um papel primordial no processo de avaliação dos sujeitos. É possível notar que são retomadas noções históricas para a formação crítica contra o conservadorismo moral e nacional. Através desse processo referencial, o jornal faz com que o leitor conceba as ideologias mencionadas como repletas de contradições e intolerâncias contra minorias sociais.

Como uma obra com elementos da ficção científica, o *Tempos Fantásticos* segue os moldes de seu gênero literário ao identificar e criticar os problemas sociais de sua era de publicação.

Referências

ARAÚJO, Victor Sérgio Freire. O golpe de 2016 e o apogeu reacionário. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 12, n. 2, 2018.

CAUSO, Roberto de Souza. Esboço de uma história da crítica de ficção científica no Brasil. *In*: SUPPIA, Alfredo (org). **Cartografia para a ficção científica mundial: cinema e literatura**. São Paulo: Alameda, 2015.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória?. *In*: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

DE SOUSA, Emanuel Barbosa; SANTIAGO, Márcio Sales. **Infossátira, verdade, mentira, realidade, ficção, hiper-realismo**: unidades lexicais caracterizadoras de portais de notícias satíricas. *Debate Terminológico*. ISSN: 1813-1867, n. 12, p. 21-30, 2014.

DIAS, Angelo; LIMA, João. Fodeu de vez (no bom sentido). **Tempos Fantásticos**, v. 27, 2019, p. 4.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

MONTEIRO, Beatrice Nascimento; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Recategorização metafórica no gênero notícia satírica**. 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso & leitura**. Campinas, Cortez, 2008.

_____. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, Pontes, 2009.

PASCHOAL, Cristiano Sandim. O novo tom axiológico da expressão “cidadão de bem”: refrações semânticas e indícios de estratificação da sociedade brasileira. **Revista Memento**, v. 11, n. 1, 2020.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. *In*: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

RÜSCHE, Ana; FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro. Cultura e política nos anos 2010: anseios e impasses na ficção científica de Aline Valek e Lady Sybylla. **Abusões**, v. 7, n. 7, 2018.